

LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

THEATRO GIL VICENTE

Conta-nos o padre Antonio Vieira que os estrangeiros, que visitavam o Capitolio, pasmavam notando a falta de uma estatua a Catão, e explica que não era precisa no Capitolio, porque a melhor, a mais duradoira e bella estatua d'aquelle homem era a Opinião publica! Mas se a Opinião publica é algumas vezes estatua para consagrar, tambem é muitas outras vezes juiz inexoravel para condemnar, camartello para destruir, stygma candente que se applica a marcar os reus julgados e condemnados.

A «Lagrima», repercutindo a voz austera do grave e incorruptivel juiz — a Opinião publica — condemnou as traças por que vem sendo construido o nosso theatro.

Este procedimento perfeitamente de accordo com a indole do journalism^o — o intermediario elucidativo entre os homens, nas sociedades modernas — valeu-lhe uma replica da «Folha da Manhã», assim como reprehenda!

Mas o illustrado e velho collega enganou-se, ou pelo menos esqueceu-se de que, na sua condição de mais velho, devia ser mais prudente.

Depois lhe diremos porque.

Tambem o auctor do projecto do theatro Gil Vicente veio á barra saudar a «Lagrima» com a honra do seu repto.

Diz sua ex.^a que fazamos uma critica sensata e criteriosa, em termos dos que se servem pessoas bem educadas, e que não se cesejará a vir defender o seu trabalho, e, mostrar a inanidade das nossas asserções!

Accettamos o repto, dando por descabida a prevenção que sua ex.^a faz para que usemos de bons termos.

Prezamos tanto o nosso nome como sua ex.^a o seu.

Antes de principiarmos vamos prevenir sua ex.^a o sr. engenheiro Lima de que, para traçarmos estas linhas, analysámos o seu trabalho na propria planta, firmada por sua ex.^a (isto tambem serve para o nosso collega da «Folha») e que, para melhor nos capacitarmos da verdade das nossas observações, consultámos peritos diplomados, como sua ex.^a, com o satisfactorio resultado de as vemos todas confirmadas e pouquissimo augmentadas.

As nossas observações por hoje são:

—Que em Barcellos, onde as temporadas theatraes não são precisamente no inverno, queria-se um theatro de construcção leve, desafogado, ventilado, de communicações amplas com o exterior, — uma construcção de ferro e tijolo — onde se realisaria uma economia de mais de um conto de reis; — que a frontaria principal do edificio é de um peso e de uma monotonia que esmaga, o espirito fi-

ca aterrado diante d'aquella molle de pedra, cuida-se que ali a dentro hão de desenrolar-se scenas lugubres de Inquisição e não as da comedia ligeira, vivaz que nos movimento e faça rir.

E para mais, aquelle estylo destoa do resto do edificio, de uma vulgaridade extrema.

Ou aquella frontaria foi trazida para ali de outra parte, ou quem a delineou não foi o mesmo que traçou o resto.

Tal a alternativa que se apresenta a quem attenta nas obras em construcção.

E, n'esta altura, convém notar que as paredes já levantadas tem mais alguns decimetros de altura que a marcada na planta, porque a Camara, obrigando a altear as portas até atingirem a medida do padrão municipal, trouxe esta modificação ao plano. — modificação que foi consentida pelo auctor da planta. —



Sua ex.^a o sr. engenheiro Lima não deve ignorar o grande numero de condições de segurança, que requer um edificio d'esta ordem, e entretanto na planta vê-se claramente que as portas, todas abrem para dentro;

—que uma das escadas de accesso para o segundo pavimento tem menos 0^m,35 que o indispensavel, prejudicada essa mesma por um fecho inadmissivel em uma casa de espectáculo;

—que os degraus das mesmas escadas tem mais um terço da altura que deviam ter;

—que os corredores tem menos 0^m,27;

—que os camarotes são quasi *liliputianos*,—quatro cadeiras vazias enchem-os completamente,—o que é tambem um perigo para o caso de panico e debandada;

—que nem uma só prevenção foi adoptada para a extincção de um principio de incendio.

O sr. engenheiro Lima esqueceu-se, sem duvida, de que em Barcellos tinhamos agua canalizada, com pressão sufficiente para alimentar uma aguilheta, e que é de boa pratica collocar-as nos corredores dos theatros promptas a entrar em serviço ao primeiro alarme, apenas resguardadas por uma vidraça;

—que a mais rudimentar de todas as medidas foi tambem desprezada—a amplitude das portas de entrada e saída;

—que a parte, que diz respeito a commodidades não foi menos descuidada, principiando pela irracional disposição da entrada para o salão, e seguidamente pela pessima collocação d'este, pela falta de um gabinete de *toilette* para senhoras.

Mais ainda, que a repartição dos camarotes não é perfeita, porque de muitos, os espectadores mal abrangem o primeiro plano da scena; a plateia está na planta de tal sorte que, os espectadores das ultimas filas poderão ouvir, mas nada verão; que nos mictorios e sentinas cobrem logares improprios, especialmente no plano dos camarotes, onde estão collocados no corredor, com as portas voltadas para os mesmos camarotes!—o que não é, por certo, disposição muito feliz—no primeiro pavimento estão juntas ao restaurante—o que não é melhor.

Enfim, olhando-se para a planta, apodera-se de nós a idéa de que o auctor teve pressa em concluir o seu trabalho, talvez porque tivesse algum outro de mais valia e interesse a que prestar a sua «viajada illustração» como diz o nosso amigo e collega da «Folha».

Quanto á structura exterior do edificio somos quasi obrigados a callar, porque de outra sorte teriamos que condemnar por inteiro todo o trabalho do sr. engenheiro Lima.

¶Para não irmos mais longe com considerações perguntaremos—porque não se substituiu aquella frontaria romana por um espaçoso arco rustico,

precedendo um pequeno atrio, d'onde partisse uma escada larga e recta, que levasse ao pavimento dos camarotes? ¶Porque as demais portas e janellas do edificio não tomaram uma configuração mais harmonica, mais apropriada á natureza do seu emprego em casa de espectáculos?

Para melhor comprehensão do leitor aqui lhe damos dois desenhos rigorosos; o n.º 1 representa uma porta e janella lateral, conforme a planta do sr. engenheiro Lima—porta de adega al-deã e postigo de moinho;—o n.º 2, que é nosso, representa a verdadeira porta e um oculo egyptico que prehehe o fim para que é applicado.

O sr. engenheiro Lima não desconhece que uma das razões, que presidiram a fundação da empresa Gil Vicente, foi a necessidade que em Barcellos ha de meios educativos, em que o povo se vá sem esforço aperfeiçoando. Ora, dado isto, o theatro, a começar pela sua edificação deve ser uma escola de arte, e o que ali temos não satisfiz este desideratum.

Agora ó collega da «Folha».

Explicando:—Dissémos que se enganou, porque escolheu mal os argumentos de que se serve na sua defeza:—a exiguidade do terreno e do orçamento dentro de que deveriam ser feitas as obras. ¶No terreno cabe o theatro que se deseja, portanto é tão bom como outro qualquer—¶Os credits orçamentaes são pequenos?

A economia exclue o luxo mas não impede a segurança, a commodidade relativa, nem a Arte, nem a graça.

Foi menos prudente, porque não fez como nós. não foi ver na planta do sr. Lima, as verdades que deixamos apontadas, e tambem porque quiz ver, no procedimento da «Lagrima», moveis menos confessaveis, quando nada o auctorisa a isso.

Não o accusamos de má fé, n'este ponto, porque o conhecemos honrado e incapaz de processo tão seoz.

E para terminar por hoje—o collega, que é bastante lido, não ignora que o *exclusivo esthetico dos pedreiros livres* passou á historia.—

Hoje a arte de construir é livro aberto, como de resto todos os conhecimentos humanos. E o collega da «Folha» bem sabe que, para tratar qualquer assumpto basta ter-se meia duzia de livros na estante, saber ler e comprehender.

Ainda uma explicação ao publico—A Commissão encarregada de presidir aos trabalhos de construcção do theatro Gil Vicente, reconhecendo, na pratica a organização viciosa da planta vae alteral-a agensivelmente.

Mais um ponto para elucidar: o sr. Lima no seu reptó diz que assignemos as nossas accusações.

Julgamo!-o desnecessario, porque é sabido de todos quem são os redactores da «Lagrima».

A melhor rubrica para o nosso trabalho é a Verdade dos Argumentos.

A FERNANDO DE SÁ VIANNA

Como a floresta secular, sombria,
Virgem do passo humano e onde o machado
Nunca entrou, onde ruge e cêchô o brado
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,
Assim também, da luz do amor privado,
Tinhas o coração ermo e fechado
N'uma attitude austeramente fria.

Hoje gorgéia a estridula e sonora
Canção das aves nos suspensos ninhos...
Doura os cimos das arvores a auróra...

Abrem-se flores, alam-se carinhos
E o sol do amor, que não entrava outr'ora,
Entra, prateando a areia dos caminhos.

Imitado do grande lirico brasileiro—*Olavo Bilac.*

No ardor da critica imparcial, independente,
intemerata e outras coisas com *je*, o sarau de 31
de julho, promovido pelos empregados no com-
mercio, passou á historia das cousas incompre-
hensiveis.

Para uns foi um sonho delicioso, entrecortado
de vozes celestias entoando canções divinas. Para
outros um mixto irreverente do divino com o hu-
mano, a voz d'um anjo acompanhando o fado ba-
tido.

Oru devemos convir em que, no seculo de Viei-
ra e de Bernardes, já em uns poemas heroicos se
fazia a junção do maravilhoso divino com o ma-
ravilhoso pagão. E' ver a «Malaca Conquista-
da»...

Do que se pode inferir que o sr. dr. Lereno
podia muito bem representar o paganismo, fican-
do ainda logar que farte aos outros amadores pa-
ra representarem o christianismo, as virgens loi-
ras da idealidade sonhadora.

Ha logares reservados para as creações doces
de Murillo, como para o agoite alulante de
Shakespeare, e outros symphonistas do «Terrivel».

Imaginem que o dr. Lereno seria na vaga tonal-
idade dos idylls castos do sarau como que a no-
ta pagã, liberrima, demolidora, de Luthero pré-
ganho contra Roma... dissoluta.

O que é certo é que, perante os criticos muzi-
caes da nossa terra, a nossa penna emudece por
falta de auctoridade.

Ainda se tivessamos ao lado um D. Scholl, um
Rochebert, um Swit, outro gallo nos cantaria.

Assim cantam elles e nós ouvimos...

Em uma das freguezias ruraes d'este concelho,
celebravasse, ha dias, uma festa nupcial.

Os noivos, um casal sympathico, e que, por

capricho de seus paes, ainda se não tinham podi-
do unir pelos laços matrimoniaes, já tinham dous
filhinhos, nascidos do seu amor reciproco.

No jantar nupcial o parcho, que assistia, levanta-
vou um brinde aos noivos, alludindo ás creanci-
nhas, que, legitimadas n'aquelle dia, tinham, por
força, um logar reservadissimo no coração de seus
avós, que haviam de estimar tanto, quanto os
paes o estimavam, que aquelles aujinhos tivessem,
como toda a gente de bem, um pae e uma mãe le-
gaes; o que fazia com que os paes e os avós das
creangas chorassem de satisfação.

Um dos assistentes, homem de *sallas* da fre-
guezia levanta-se e diz:

—«Meus amigos, não ha como o amor de pae;
o expediente do nosso dignissimo pastor fallando
do amor dos paes a breves passos faz-me lembrar,
um *expediente* que eu tive em minha casa.
N'uma d'estas noites entrou-me doente pela porta
dentro, vindo de Braga, um filho; eu fui em se-
guida á casa do meu compadre pedir-lhe uma se-
ringa—aqui p'ra nós, com seu devido respeito e
da meza de Deus—e fui logo para casa e dei uma
ajuda ao rapaz, e em seguida, a breves passos,
achou-se melhor e vae bem, graças ao Senhor.
Por isso eu *aguardezo* ao nosso reverendo pas-
tor, e aos noivos, e aos meus compadres, em se-
guida a todos os amigos, e a todas as pessoas da
minha estima: *Viva!*»

Em o «Povo Espozense», de 23 d'agosto
de 1897 lêmos:

«Em commemoração do anniversario nata-
lício de sua ex.^{ma} esposa, offereceu o abasta-
do capitalista nosso conterraneo, na 6.^a feira
da semana penultima e na sua quinta de
Terrozo, um opiparo jantar a alguns amigos
e familias das relações intimas de s. exc.^a.

Decorreu aquella festa intima sempre no
meio do mais vivo enthusiasmo, regressando
ss. exc.^{as} e todos os convivas a esta villa,
por volta das 9 horas da noite, em «grand
marche aux flambeaux.»

¿Quem será o tal abastado capitalista, tão co-
nhecido, que não precisa que se lhe ponha no
jornal o seu nome?

¿E para que é preciso sabol-o?

Quando, em Espozende, se vir um capitalita,
cujá esposa fez annos á sexta-feira, e tem uma
quinta em Terrozo, já ficamos conhecendo o ho-
mem. Nada mais simples. Basta olhar-lhe para a
cara.

O que também é certo é que se o jornal não
dissesse que a «grand marche aux flambeaux» foi
ás 9 horas da noite, ficavamos convencidos que
havia sido ao meio dia, pois um *cesteiro que faz
um cesto faz um cento*, e como já não era a pri-
meira vez...

Como um dentista que quer
Tirar-nos um dente á força
Quer nós queiramos quer não,
Anda ahí uma mulher
Que não é bem uma corça,
Pela mão do proprio irmão,
A atraçar os viandantes
Por essas ruas a fóra
Quer chova quer faça vento
A procurar casamento
Já que ninguém a namora.
E os viandantes pacatos
Temendo calir no môho
Zis, talôca, como os ratos,
—Que pae Paulino tem olho—
Mas um triste fabiano
Ahi um pobre mirône,
Que, dizem, toca trombône,
Que é instrumento de cano,
Vae propor-se ao tal casorio
Sentindo de amor desejo.
E de trombône que era
O pobre João Tenorio
Vae passar á realejo.

A mais moderna manifestação de amor é fazer construir uma casa perfeitamente igual á que possui e habita a dama dos nossos sonhos.

Compreende isto muito bem um acreditado negociante de Santa Maria Maior, que não tendo forças para fazer uma declaração d'amor em phrases bonas e estylo alôçiado, a faz por obras de pedra e cal, bem mais duradoura que o papel aromatisado.

Progresso!... «A Lagrima» te saudal

Dizia ha dias um individuo, n'uma casa da rua Direita, fallando elogiosamente d'um amigo: —«E' um homem que sabe muito: tem viajado bastante...»

Não é argumento, porque, para muita gente, viajar é synonymo de ter dinheiro.

* O Oliveira, da Estação, discutia no Café Mattos com o Carôça a necessidade do servo ter exame de instrucção primaria.

O Carôça, com dois dedos de grammatica, perguntou ao seu interlocutor, com o fim de entalar, o que faria, sabendo os verbos todos, como sachrista, caíndo no chão a sagrada particula.

Como o Oliveira dissesse que era ao padre que competia levantar-a, segundo a Congregação dos Ritos, o Carôça jurou que não fazia caso de Ritos,—em tal caso levantaria immediatamente do chão, com as suas proprias mãos, nosso Pae, porque não consentia a consciencia outra cousa.

Que carôça...

* Contaram-nos que o nosso Carvalho é mordomo da capella de S. Tiago.

* O Arnaldo Braz publicou n'um dos ultimos

n.ºs da «Folha» um soneto que, em vez de ter duas quadras da regra no principio, as tinha no fim.

Sim: litteratura de traz para diante...

* Ha na praia d'Apulia uma taseca onde se lê, pouco mais ou menos:—«Entrar, pedir, comer, beber, pagar e sair».

¿A dormida n'esta casa paga-se ou é gratuita?

* Um nosso amigo fallava no Hotel Cardoso: —«Eu cá sou celibatario, e só desejava, para ser feliz, encontrar uma mulher bonita, com as mesmas ideias, afin de vivermos juntos, alegremente, toda a vida.

* O nosso querido amigo João Oliveira tem melões á venda no seu estabelecimento.

Para fallar da sua bondade, manda-os callar.

¿O callado será o melhor?

* Um lavrador guloso até mais não poder ser, n'uma hospedaria cá da terra deitou sal refinao no vinho tomando-o por assucar.

Acabava de mecher a tihornia quando sente passos nas escadas que davam ingresso para o compartimento em que estava; temendo que fosse descoberto na guloseima, toma o copo das mãos e passa d'um trago, ao estreito, o liquido; a primeira impressão, violenta, é que está envenenada, começando a gritar furiosamente, como um possesso:—«Ai que morro!»

¿Se em vez de sal fosse veneno não era caso para dizer, morrendo—a terra te seja pesada?

* O individuo pôde ser escriptor tendo trabalho e intelligencia.

Já para fazer rir não são só precisas as duas cousas como ainda é necessario ter espirito.

* Os diplomas para muita gente é que são o talento.

E' claro: o talento, muitas vezes, de quem não tem talento nenhum.



BARCELLOS

Editor: João Gonçalves da Silva
Typographia Barcellense